



HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



**Organizadora
Suzana Trevisan**

HISTÓRIAS
que merecem ser contadas



1ª edição

**Sapucaia do Sul, RS, V.6, N.1
Junho de 2019**

Expediente

Diretor-Geral Câmpus Sapucaia do Sul
Mack Léo Pedroso

Diretor-adjunto
Carlos Alexandre Wurzel

Chefe do Departamento de Ensino
Fábio Roberto Moraes Lemes

Coordenador do Curso Técnico em Administração
Guilherme Reichwald Jr.

Coordenadora do projeto #Histórias
Suzana Trevisan

Projeto gráfico e diagramação
Patrícia Hammes Strelow

Periodicidade
Semestral

Impressão
Coordenadoria de Produção e Editoração Gráfica - IFSul
Câmpus Pelotas

#Histórias que merecem ser contadas
Sapucaia do Sul, RS, Junho de 2019
V.6, N.1, 2019



Avenida Copacabana, 100, bairro Piratini
www.sapucaia.ifsul.edu.br

Sumário

- 7 Apresentação | Suzana Trevisan
- 09 A luta pela vida | Adriana Souza de Castro
- 10 Conhecendo as raízes | Alef José Costa
- 12 Seja independente | Angela Zinn
- 14 O acidente | Angelita Vitorino da Silva
- 16 Minha história | Bernadete Correa
- 17 A barraca do dente | Carla Cristina Dal-molin Alves
- 19 Um dia após o outro | Clarinete Beskow Barros
- 21 Gratidão | Daiane Silveira de Carvalho
- 23 Minha mãe é nota mil | Dionésta Nunes Alovise
- 24 Minha avó Celina | Elisabete Ribeiro
- 26 Rapaz comum | Éverton Santos
- 28 Uma noite fria | Fernanda Rodrigues Viana
- 30 Meu segundo pai | Jefferson Santos Schell
- 32 Os anjos da minha vida | Jucelaine de Souza
- 34 Minhas filhas e eu | Leandro de Moura Verardo
- 36 O tombo e a mentira | Lidiane Gonsiorocki Silveira
- 38 Voltar a estudar | Lidiara Moura da Silva
- 39 Um amor maior que um sonho | Luciane Lopes Bandeira
- 41 A imaginação ganhou vida | Marilaine S. Alves
- 42 Aventuras de uma mãe | Priscila de Vargas da Cunha
- 45 Superações | Roseli de Fatima Iacinski
- 46 Os caminhos de Vera | Vera Alice dos Santos

Apresentação

A você, que pela primeira vez tem a oportunidade de ler uma das edições do Projeto Histórias que merecem ser contadas, dou as boas-vindas! Sou Suzana Trevisan, educadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Atuo como professora de Língua Portuguesa na turma 4F, do câmpus Sapucaia do Sul, e, junto de meus(minhas) estudantes, desenvolvo esse belo projeto. Através da narrativa de um episódio significativo da vida dos(as) estudantes, os(as) alunos(as) constroem textos que são reunidos em um livro, lançado e distribuído gratuitamente para a comunidade escolar, familiares e amigos(as) no final do semestre. Nossos maiores propósitos são: valorizar as experiências de vida dos(as) estudantes, aprimorar a capacidade de expressão através da escrita e fomentar o gosto pela leitura.

Se você, leitor(a), já conhece este projeto, quero agradecer-lhe por ser mais uma vez nosso(a) interlocutor(a). A linguagem é interacional e, sem dúvida, quando realizamos a tarefa da escrita, desejamos que nosso texto dialogue com os(as) leitores(as). Bom saber que você nos deu esse privilégio mais uma vez.

Esse projeto é uma das tantas ações exitosas que o Curso Técnico em Administração – modalidade Proeja - realiza. Em um país que mais da metade da população entre 25 e 64 anos não possui Ensino Médio completo, garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem significativa para jovens e adultos tornam-se um desafio. Entretanto, nosso curso mostra que é possível. Acredito que a EJA é uma possibilidade de resistência e questionamento ao modelo social tão desigual como o brasileiro, afinal de contas, “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Paulo Freire).

Tenham uma excelente leitura!
Professora Suzana Trevisan

A luta pela vida

Adriana Souza de Castro

No ano de 2006, na cidade de São Leopoldo, começa a luta de meu pai Selvino pela vida, uma das pessoas responsáveis por me proporcionar ela.

Tudo começou com dores de estômago que pareciam boba e sem importância, só que não foi bem assim que ocorreu. Depois de inúmeras idas ao médico, exames e consultas, vem o diagnóstico câncer, mais especificamente no pâncreas. Daí estava explicado as dores constantes de estômago.

Fiquei em choque, sem chão, e meu pai com toda positividade e vontade de viver disse:

- Vou melhorar e ficar bem.

Na minha cabeça, na época era uma jovem de 17 anos, não entendia direito a gravidade, afinal naquele tempo poucas pessoas desenvolviam esta doença. Depois de exames detalhados feitos, foi diagnosticado que o estágio estava avançado e que as chances de cura já não eram muitas. O único tratamento em que foi proposto pelo oncologista é que meu pai teria de se submeter a quimioterapia. Quando chegou o dia da primeira sessão, eu e minha mãe estávamos com ele, mas com o passar das sessões, ao invés de melhorar, ele ficava mais fraco e perdendo peso e cabelo. Então, ele resolveu raspar a cabeça. Até hoje lembro-me dos dias que passamos e tenho a imagem dele na minha memória.

No dia 29 de agosto de 2006 meu herói terminou sua jornada na terra lutando como sempre fez, mas teve que partir, pois Deus havia chamado. Claro que no dia eu, meus irmãos e familiares não vimos desta forma, mas com o passar dos anos nos conformamos. O que restou foi lembranças e que devemos lutar sempre pela vida e pelos nossos objetivos e acima de tudo seguir em frente.

Conhecendo as raízes

Alef José Costa

Minha família é natural da cidade de Torres. Não me recordo bem o lugar, mas é alguma parte no interior da cidade. Minha avó e meu avô moravam com os filhos, que ainda eram crianças. Entre eles, minha mãe, que era a filha mais nova. Levavam uma vida difícil trabalhando no campo para poder sobreviver. E essa dificuldade acabou piorando quando o filho mais velho da minha avó faleceu aos 16 anos. Para piorar a situação, meu avô também faleceu. Com isso, minha avó não teve outra escolha senão deixar a cidade. E com ajuda de seus irmãos, ela veio morar aqui em Sapucaia e tentar ganhar a vida de alguma outra maneira.

Desde criança, sempre ouvi muitas histórias de como tudo isso aconteceu, de como foi a infância da minha mãe e das minhas tias, e de que, apesar das dificuldades, eles eram felizes morando em Torres. E com todas as histórias que eu ouvi ao longo dos anos, sempre tive curiosidade de ir até lá e conhecer a terra natal da minha família.

Em 2012, um dos meus tios (casado com uma das filhas da minha avó) disse que um amigo tinha um sítio na cidade de Morrinhos, ou seja, ao lado da cidade onde minha família morava. Ele nos convidou para passar alguns dias lá. Sem pensar duas vezes, aceitamos seu convite. A viagem durou cerca de três horas, o que não me incomodou nem um pouco, pois sempre gostei de viajar.

Chegando lá, eu fiquei muito impressionado com o local. O sítio ficava ao lado de uma montanha e com um pequeno lago ao lado, onde passamos muito tempo pescando ao longo daqueles dias. E me lembro bem dos campos enormes que rodeavam o local, era uma coisa completamente diferente da realidade que eu estava acostumado. Mas foi no terceiro dia que decidimos visitar a cidade ao lado, terra da minha família.

Essa foi a parte que mais me marcou, pois a casa onde eles moravam ainda estava lá e era muito semelhante com o

que eles descreveram. A praça ao lado, o rio com uma pequena ponte, tudo muito parecido com o que eu imaginava. Além disso, fomos ao cemitério onde meu avô e meu tio, filho mais velho da minha avó, estavam enterrados. Foi difícil de encontrar seus túmulos, pois fazia mais de vinte anos desde que minha vó havia visitado o local pela última vez. Essa parte foi um tanto quanto triste, mas valeu a pena.

Passamos os últimos dias no sítio. A viagem de volta para casa foi um pouco desanimadora, como de costume. Eu fico feliz por minha avó ter ido visitar sua terra natal depois de tanto tempo, e ainda espero que possamos ir outra vez.

Angela Zinn

Nunca acreditei em anjo da guarda, mas a vida mostra cada coisa que ao pensar como tudo aconteceu, jamais pensaria diferente. Tudo pronto para começar uma nova etapa em minha vida, mas de repente todos os planos, sonhos planejados não poderiam ir em frente.

Foi quando aguardávamos na sala de espera, o telefone toca. Sim, o cancelamento da tal sonhada vaga de emprego que queria, mas por incrível que pareça, um peso enorme saiu de mim, pois devido a tudo que estava acontecendo, meu coração se encheu de uma paz. Pedi muito para que fosse cancelada e graças a Deus foi. Jamais poderia deixar a pessoa que tanto amei precisando de mim num momento tão difícil, tínhamos planejado como faríamos: ela cuidava da caçula dali pra frente e tudo seria diferente. O médico chega para nós e diz: aproveita ela, pois não tem mais nada para fazer.

Já no quarto do hospital, após a segunda cirurgia, família toda reunida, ela pergunta: “E daí, você vai começar quando no novo emprego?”. Foi quando respondi: “Foi adiada, vou cuidar de você. Quando abrir novamente, eles ficaram de chamar. Foi melhor assim, até você se recuperar”. Ela pega a minha mão e diz: “Você tem que ser independente, ter o seu próprio dinheiro e não depender de ninguém”. Jamais esqueci aquelas palavras... Foram dias muitos tristes, logo depois ela veio a falecer.

Após dois meses, sonhei com meus pais. No sonho, meu pai queria arrumar um emprego para mim por telefone, pois falaria com um amigo seu e conseguiria. Era pra eu acreditar que iria dar certo. No outro dia iria para uma entrevista de emprego, na verdade não era o que eu queria, foi quando decidi ligar para a empresa que tinha cancelado a vaga a qual eu tanto sonhava. Para minha surpresa, liguei e consegui por telefone. Até hoje penso: será foi o a caso ou destino. Hoje consigo entender que tudo tem o tempo certo

em nossas vidas, que meus pais estão só em outro lugar, mas ainda continuam a me proteger e zelar por mim. Já se passaram sete anos, a saudade só aumenta porque amor igual não tem. Permaneço na mesma empresa e lembro cada dia que passa que posso ser independente e não depender de ninguém para lutar por aquilo que quero sempre.

Angelita Vitorino da Silva



Minha história aconteceu no dia 20/09/2007, numa manhã chuvosa, dia da passeata da semana farroupilha. Meu pai era gaiteiro e sempre desfilava tocando gaita em cima de um caminhão. Minha mãe Ana Vitorino da Silva é benzedeira, aquelas que benzem com aruda, água e carvão.

Naquele dia, um rapaz pediu que minha mãe fosse benzer sua casa, ela me pediu para levar minha filha Eduarda junto. Quando estavam retornando na BR118, um caminhão colidiu com o carro fazendo com que este rodopiasse na pista, capotasse 5 vezes e caísse em um barranco de uns 15 metros de altura, ficou com as rodas para cima.

Minha mãe e o motorista desmaiaram e minha filha ficou presa pelo cinto de cabeça para baixo. O motorista do caminhão parou e chamou os bombeiros que chegaram rapidamente no local. Quando resgataram minha filha, ela disse aos bombeiros que cuidasse da vó, pois ela tinha pressão alta e problema na coluna. Levando elas para o hospital, os bombeiros estavam preocupados, pois só ela estava consciente e não tinham nenhuma identificação.

Mas, desde 1 ano eu sempre trabalhei e minha mãe cuidava da minha filha. Eu ensinei a ela o nome de todos, o endereço e também o telefone se caso precisasse. Quando os bombeiros chegaram ao hospital e viram que o endereço e o nome batiam com que a Eduarda falou, vieram logo me

comunicar.

Quando a ambulância chegou no meu portão, imaginei que era o meu pai que teria caído do caminhão e não minha mãe e minha filha; quando cheguei no hospital minha mãe estava na frente da porta do raio X. Ela estava muito suja de barro e sangue, eu perguntei pela Duda, a enfermeira me disse que ela estava na sala do exame. Lembro que quando entrei na sala, a primeira coisa que ela me falou foi:

“Mãe perdi meu chinelinho da Barbie!”

Abracei ela e disse que compraria 10 chinelos iguais. Os dias e meses seguintes foram muito complicados, minha filha além de uma cirurgia no braço (devido a fratura de úmero), teve uns 3 anos de tratamento psiquiátrico, pois ficou com trauma de andar de carro. Minha mãe teve várias fraturas nas pernas e nas costelas. O médico disse que devido as fraturas ela não ia mais caminhar, mas foram 6 meses acamada, mais 6 meses de cadeira de roda e mais 8 meses de andador. Graças a deus ficaram bem.

Meu pai só a noite que ficou sabendo do ocorrido, pois estava na semana farroupilha. Muitas pessoas me criticaram: questionaram o porquê ensinar para uma criança nome e endereço e telefone, mas se não tivesse ensinado, não teriam me encontrado tão rápido. Conseguiram contato graças a Deus e a inteligência da minha filha.

Bernadete Correa



Ela começa no dia vinte e dois de maio de 1998, na cidade de Tramandaí. Era um dia normal e igual a tantos outros. Até que nosso filho chegou do colégio com dor de cabeça. Por ele ter só sete anos, não sabíamos o que fazer. Nós íamos viajar, mas na rodoviária deu uma crise muito forte e ele desmaiou. Corremos para

o hospital mais próximo e eles não nos atenderam e nos enviaram de volta para o hospital de Tramandaí. Chegamos às dez horas e fiquei sozinha por muito tempo.

Ele tinha muita febre e dor, pedia água frequentemente. Já era meio dia quando a doutora nos atendeu e perguntou: “Mãe, ele sempre teve essas manchas no corpo?”. Eu disse que não. Ela não sabia o que fazer, então ligou para um médico em Porto Alegre e falou sobre o estado dele.

O médico prescreveu que ela desse uma super dose de antibiótico, mas ela deu só metade do que ele falou. O estado dele agravou muito e ele teve uma infecção no pâncreas e a febre só aumentou. Por conta disso, desencadeou a meningite: paralisou o intestino dele e, por isso, todo tempo que ele esteve no hospital não comeu e nem bebeu água.

Ele até teve uma melhora por uma semana e disse que queria olhar o programa da Angélica na tv. Queria algo para comer, então demos um iogurte. Não deu certo, ele pediu pra voltar pro quarto, até pediu colo e abraço forte.

Parece que sabia o que ia acontecer no outro dia. Ele entrou em coma e faleceu três dias depois. Sofri muito e ele também. Hoje não vivo, só sobrevivo pelos outros filhos.

A barraca do dente

Carla Cristina Dal-molin Alves



Quando nasce um filho na família, a partir daquele momento tudo se torna mágico. A primeira papinha, os primeiros passinhos, os primeiros dentinhos. Enfim, qualquer situação diferente é motivo para muitas descobertas e alegrias.

Os anos vão passando rapidamente, por sinal, e junto deles vem também as etapas da vida, que cada um de nós passou ou irá passar. E em uma dessas etapas da nossa vida e dos nossos filhos, vem a parte de cair os dentes, de ficar banguela. Esse fato na vida da minha filha Eduarda, de 4 anos, nos trouxe muita ansiedade e também expectativa. Seu dentinho lindo, branquinho, já dava sinais que iria cair, porém insistia em dançar de um lado para o outro.

Nossa família, em época de férias, gosta muito de acampar. Certo dia, decidimos montar nossa barraca no pátio de casa. Eduarda, sempre muito solícita, também ajudava neste trabalho em família. Nos, juntamente dela, é claro, estávamos na expectativa da queda do tal dente. Depois de algum certo tempo, a barraca por fim ficou pronta. Terminávamos ali de montá-la, decidi então entrar na barraca para ver se estava tudo certo. Minha filha entrou também, logo em seguida. Podia ver nos olhinhos dela, a felicidade de ter participado e ajudado a realizar aquela tarefa.

Naquele exato momento de euforia dentro da barraca, ela se deparou com uma inesperada surpresa. Quando olhou para baixo, estava caído ali dentro seu dentinho que tanto esperávamos angustiados por sua queda. Ficamos to-

dos muitos felizes, rimos junto com ela, que era só alegria por ter passado por aquela experiência incrível para uma criança. Com certeza, lembraremos por muito tempo daquela simples barraca.

Um dia após o outro

Clarinete Beskow Barros



Em 2015, tive um grande pico de stress e até manchas em meu corpo apareceram. Não dormia, me alimentava mal, não demorou muito e tive crises de choro ,cansaço, uma exaustão forte ,virei zumbi ,deu esquecimento....Quando me dei por conta, estava no último da depressão: Foi quando tentei suicídio, tamanho esgotamento. Estive com médicos e ali começou um tratamento. Confesso que dói na alma mexer nas feridas e tentar entender o que estava a

me incomodar.

Então, comecei a fazer terapia .Não me afastei do trabalho, pois queria ser normal. Em 2017,eu ainda estava em tratamento e já tinha tentado várias formas pra me libertar da depressão,até que comecei a me isolar e não querer ver mais sair ,ver ninguém.

Passou o tempo e eu tinha novamente tentado contra minha vida. Foi aí que conheci a dona Ilda ,que me estendeu a mão e acreditou que ,de fato, eu estava precisando de ajuda .Poucos acreditam, outros falam que eu frescura ter depressão... então num desses atendimentos, ela me falou de eu voltar a estudar ,focar em algo que me tirasse da escuridão. Claro que eu não queria ,mas era a minha última chance de vencer me libertar daquilo que dói tanto, do medo ,conflito interior .Então , deixei ela ligar pra uma escola, que por sinal, foi o IFSul.

Então, me inscrevi ,lutei contra mim mesma ,pois tinha desistido de tudo .Fiz a redação, contei um pouquinho de mim ,a expectativa era grande. Com ela veio medo , ansieda-

de muitas frustração e não é que passei? Cheguei no primeiro dia de aula com aflição, angústia, medo tudo isso estava dentro de mim ,num turbilhão de pensamentos. Não foi fácil ,pois tinha me isolado do mundo .Quando fazia um mês que estava tentando, me forçando a estar presente, minha mãe veio a falecer e meu mundo mais uma vez caiu.

Agradeço a colegas, os professores que até aqui me ajudaram. Chorei dois semestres,mas tive sorte porque meus colegas, professores me estenderam a mão, não deixaram eu desistir, me seguraram firme e me mostraram um novo caminho. Hoje ,se estou contando essa história é porque alguém acreditou em mim .Sou grata por algumas pessoas que não deixaram eu desistir, pelas forças que me deram até aqui. Hoje, o IFSul tem me dado cor, hoje não choro como nos primeiros semestres, estou um pouco mais firme ainda tenho muitas caídas, pois não é fácil enfrentar medos ,tristezas. Me deparo com algumas situações que não sei ainda controlar, mas um dia após o outro sigo tentando . Gratidão é a palavra que me define por meus colegas, professores, a dona Ilda e meu filho que luta junto comigo todos dias, me incentivando.

Gratidão

Daiane Silveira de Carvalho



Gratidão torna nossos dias muito melhores. Tem coisa melhor que acordar todos os dias com saúde, em uma cama quente, ter do que se alimentar, entre tantas outras coisas que devemos agradecer. Por que não agradecer? Somos pessoas tão ricas... eu, por exemplo, tenho uma família que para mim é perfeita. Tenho minha casa, meu carro. Mas nem sempre fui assim, eu era uma pessoa mal-agradecida como falo sempre, para mim nada estava bom, re-

clamava muito e isso me tornava uma pessoa negativa.

Sabe, percebi ser uma pessoa assim em um momento pelo qual passei por uma dificuldade na minha vida. Sempre fui independente, aos 15 anos sai de casa para morar na minha própria casa, fazia curso técnico e estagiava, sempre gostei dessa independência. Sempre fui muito materialista. Gosto de ter as coisas e isso não é ruim: é bom adquirir as coisas, a não ser ao ponto de você pirar por ser materialista de mais. Aí começou meu problema no qual me fez refletir muito sobre eu mesma.

Creio que muitos que estão lendo hoje essa história já passaram por algo parecido. No ano de 2015, depois de um longo dia de trabalho para mim, num dia quente de verão, vem aquelas temidas chuvas, mais conhecidas como temporais. Mas, naquela tarde não seria qualquer temporal, foi fora do normal, foi um temporal de granizo. Pois então, foi o dia mais horrível da minha vida, parecia que o mundo iria acabar e nada e ninguém iria se salvar. Peguei todo aquele temporal dentro do meu carro, orando muito e pedindo

proteção para mim e para todos, pedindo misericórdia da minha casa, que na época tinha um telhado simples. Eu sabia que se tivesse pego todas aquelas pedras, nada sobraria.

Então, quando cheguei em casa, me deparei com uma cena que parecia de guerra, destruição total na minha casa. Nada sobrou, nem sequer um pedacinho de forro inteiro. Foi aí que perdi meu controle, fiquei muito desesperada, revoltada, revoltada com Deus e com a vida: como iria conseguir tudo novamente? Ofendi e magoei pessoas na minha volta que estavam tentando me acalmar e me controlar. Realmente fiquei muito mal, pois havia perdido tudo de dentro de casa. Naquela noite não consegui dormir, passei basicamente a noite chorando e lamentando. Esse sentimento durou por dois dias, no terceiro dia acordei cedo e com um lindo dia de sol. Foi ali que levantei minha cabeça e enxuguei aquela última lágrima no canto do olho e arremanguei as mangas e disse: Vamos lá!

Até então, estava dormindo fora de casa, pois não havia condições. Foram mais ou menos uma semana de arrumações e limpezas, mais foi a partir dali que decidi ser uma pessoa grata, a partir daquilo pensei: Obrigada, eu queria reformar minha casa mesmo, queria trocar os móveis sim. Obrigada por essa experiência de saber o quanto é ruim ser materialista. Com a dor, aprendi que as coisas nessa vida são muito passageiras e supérfluas, porque ao invés de chorar, não agradecer por estar ali com a oportunidade de recomeçar?

A partir dessa situação, aprendi a ser grata pelas coisas boas que temos todos os dias. E sim, ser grata pela dificuldade do dia a dia, elas nos tornam pessoas melhores e mais fortes.

Minha mãe é nota mil

Dionésta Nunes Alovisi



Lá pelos anos de 1982, numa tarde de Páscoa, em uma casa muito simples, morava uma jovem senhora e seus dois filhos. Como era dia de Páscoa, Julia não tinha dinheiro para comprar doces e presentes. Então, resolveu cozinhar ovos, decorar e colocar amendoim. Julia estava sempre feliz cantarolando. As crianças estavam na volta agitadas e felizes.

Ela, não satisfeita, foi até o roupeiro e pegou um saco de retalhos e começou a costurar. Naquela tarde saiu várias roupas de boneca e uma roupa de boneco.

Foram os melhores presentes deles. Os filhos de dona Julia nunca esqueceram.

Elisabete Ribeiro

Eu me chamo Elisabete, mas a grande parte dos meus amigos me chama de Beth ou Lisa, que é como eu gosto de ser chamada, acho que combina mais comigo. Enfim, fui criada pelos meus avôs Celina e Marcelo e por meu pai Dirceu, logo que minha mãe nos deixou (eu tinha Iano e seis meses de vida). Sendo assim, meu pai foi morar com minha vó e com todo amor eles me criaram. Hoje em dia, sei que foi o melhor que tive na vida e o melhor que poderia ter acontecido comigo.

Minha avó Celina teve 11 filhos, mas costumava dizer que tinha 12, porque havia me criado desde o berço. É claro, cheia de mimos, muitos dengos e manias de avó. Me deu tudo, me ensinou tudo que precisava saber e apreender na vida para ser o que de melhor sou hoje.

Nos domingos, reunia todos os filhos, os 11, com as mulheres e netos e bisnetos etc.. ai de quem não viesse. Eu, naquela época, odiava, pois era eu pra cozinhar pra todos e tudo. Só hoje tenho o entendimento do tamanho da importância daqueles finais de semanas. Ela era uma cozinheira de mão cheia, cozinheira de campo, como costumávamos dizer. Qualquer coisa que resolvia cozinhar no fogão a lenha ficava maravilhoso.

Hoje tudo que sei cozinhar apreendi com ela: doces caseiros, compotas, doces em calda, pães, bolos e cucas secreta da bisa, ambrósia (a verdadeira) e comidas campeiras na velha panela de ferro. Tudo que tenho de aprendizado, de lembranças da vida trago dela com muito orgulho.

Há uma frase que nunca conseguirei esquecer, aquela que daria tudo pra ouvir novamente: “Ouve o que vou te dizer, porque só vô ti falar essa veis... porque na próxima tu vai fazer sozinha.” Chegando o tal dia: “Tu mi fais isso direito nega, fais como eu ti ensinei, porque si isso não presta, tu vai comer sozinha.”

Bons tempos que não voltam mais. Hoje, ensino pra

minhas filhas alguns segredos que trago dela, segredos de família lá de fora, coisa que só ela sabia fazer, como ela gostava de fazer, pra que nunca se perca a tradição que ela nos deixou.

Minha amada avó Celina, a maior riqueza de lembranças que tenho na vida.

Era 13 de novembro, data especial, é meu aniversário. Por ventura, é sexta-feira 13. Como de costume, eu botaria minha melhor camisa, a melhor calça, meu Nike novo e tomaria um banho de perfume. Estou pronto para noite. Mas, tinha um porém, estava completando 20 anos e meus pensamentos me abandonaram. Me sinto atrasado.

Faço uma análise de minha vida e percebo que me perdi no tempo, por exemplos e motivos muitos fortes de superação. Decidi me empenhar nos estudos e em minha qualificação profissional. Porém, um assunto delicado de tamanha tensão fez eu me distanciar do meu objetivo.

Passei 1 ano perdido, eu já estava cansado de ver os caras se dando bem. Então, pensei comigo: eu também quero me dar bem, fiz diversas coisas, tipo clichê de filme. Porém, em certas ações existem reações. Incrível como o amor e o ódio andam juntos. No final das contas, parei no hospital entre a vida e a morte.

Após 6 horas de cirurgia, acordei e analisei toda a situação. Milhões de pensamentos a cada segundo, turbilhões de sentimentos. Meu velho entrou no quarto e foi a primeira vez que o vejo chorar. Me fiz uma promessa, que traria orgulho e não discórdia. Foi quando conheci Luana. Na época uma menina. Tivemos um relacionamento amoroso, porém sua família não aceitavam nosso namoro. Eles me julgavam pelo que eu já tinha deixado no passado.

Por causa disto, eu e a crespinha tivemos diversos altos e baixos. Até que um dia conversamos que ou morávamos junto, ou cada iria para seu caminho, pois a gente se encontrava escondido sempre que possível. Semanas depois, ela fugiu e fomos morar em São Leopoldo.

Vivemos 1 ano lá. Os familiares dela viram meu empenho e dedicação e me aceitaram. Voltamos para Sapucaia e se passaram 5 anos, quando em 14/02/2018 nasceu nosso filho, Ruan Bernardo.

Hoje tenho minha família, um bom emprego, estou cursando o 4º semestre do Técnico em Administração e faço parte do conselho superior do Instituto Federal Sul-rio-grandense câmpus Sapucaia do Sul. Sempre é tempo de recomeçar!

Uma noite fria

Fernanda Rodrigues Viana



Era uma vez quatro jovens que foram para uma saída de campo com o colégio e já não aguentavam de tanta ansiedade que chegasse logo o dia para poder conhecer São Cristóvão. Então, o grande dia

chegou: era uma noite fria e todos se prepararam pro tão esperado momento. Quando os quatro amigos se viram no colégio, contavam as horas para viajar. Nessa noite linda de julho e frio, dormiram dentro do ônibus para poder passar as horas.

No entanto, estavam combinando quem ia dormir no mesmo quarto. Então as três amigas disseram “vamos ficar juntas”. A Vanessa, Maria e Fabiola conversaram durante a viagem, falando sobre o lugar desconhecido, curiosidade de saber como seria lá naquela cidade. Mal sabiam elas que iam viver uma grande aventura que ficaria guardada para sempre na suas memórias, mas seu amigo João ficou no quarto com outras pessoas e no outro lado do ônibus. Foram longas 7 horas de viagem.

Chegando antes do destino, o professor nos levou para conhecer as cidades que tinha antes de e conhecemos até museus, parque arqueológico. Horas mais tarde, fomos conhecer atrações culturais: era tudo diferente do que já tínhamos visto. Depois que terminou o show, voltamos para pousada e todo o grupo ajudou a preparar a janta.

Horas mais tarde, quando todos dormiram, os quatro amigos resolveram sair escondido para poder explorar o lugar e planejaram tudo antes como seria. Então, saíram os

quatro de fininho sem fazer nenhum barulho, mas Vanessa começa a rir. Fabíola estava bem ansiosa para poder explorar o lugar no meio da madrugada e Maria também estava curiosa para ver se achava algum lugar. João também estava ansioso para conhecer o lugar. Foram caminhando, até que acontece algo inesperado: escutaram um som de música e foram seguindo aquele barulho até que acham um CTG e acabam entrando de penetas. Se divertiram um monte e no outro dia só lembravam de tudo que tinha acontecido que foi algo para guarda para vida toda. E depois daquele dia, a amizade só se fortaleceu e ensinou quem são seus amigos de verdade.

Jefferson Santos Schell

Irei contar um fato que aconteceu com um menino da zona norte de Porto Alegre. Seus pais se separaram quando ele tinha 5 anos de idade e depois dessa situação, ele começou a ficar revoltado, agressivo e muito desobediente, ninguém conseguia segurá-lo. Então, sem ele saber, Deus enviou um anjo na vida dele na forma de um tio (irmão de sua mãe).

Ele tinha se mudado a pouco tempo para perto daquela irmã, pois gostaria de ajudá-la em todos os sentidos (financeiramente e em todos os outros). O nome dele era João Bruno, um homem honesto e muito trabalhador, quem ensinou tudo o que sabia para seu sobrinho. Tinha 3 filhos os quais morriam de ciúme do relacionamento tão bonito e de amizade com aquele primo.

Um dia, a mãe daquele menino o proibiu de sair e a raiva que ele sentiu foi tão grande que quebrou toda a porta de vidro de onde morava. No episódio, acabou cortando o pulso profundamente. O corte foi tão fundo que o sangue jorrava até o teto da casa. Sua mãe, apavorada, saiu correndo tentando fechar o pulso de seu filho, além de tentar pedir ajuda para seu irmão.

Quando ele viu seu sobrinho sangrando no meio da rua, ficou tão desorientado que tentou se jogar do segundo piso da casa onde morava. Nessa tentativa, chegou a entortar a grade que tinha na sacada, mas sua esposa o segurou e explicou que seria melhor descer normalmente, já que a agonia só atrapalha nesses momentos.

Durante o trajeto para o hospital, mesmo machucado, tentava conversar com o sobrinho para acalmá-lo e não o deixar dormir, porque seria perigoso: ele estava perdendo muito sangue. Chegando no hospital HPS, os médicos logo o atenderam e conseguiram tirar os restos de cacos de vidro que estavam no seu pulso e costuraram sua mão.

Depois daquele dia, o menino muito agradecido contava para todos com orgulho a atitude de seu tio, por Deus

ter enviado esse anjo o qual de seu segundo pai para o resto de sua vida.

Jucelaine de Souza



O meu herói hoje não está mais comigo: meu pai. Em 2002, começou apresentar alguns problemas, como esquecimento. Minhas irmãs levaram ele num neurologista e ele iniciou um tratamento. Com uns dez dias, apresentou sintomas piores, levaram ele direto para o hospital. Lá, ficou internado para exames e dois dias depois foi para

a clínica neurológica, dentro do próprio Centenário. Após vários exames, tomografias, passado 4 dias foi realizada a cirurgia na cabeça. Ele tinha um tumor muito grande do lado direito. Fizeram a cirurgia sem dizer a ele que era para a retirada de um tumor. Saindo da cirurgia de cinco horas, o médico nos olhou e disse: a cirurgia foi um sucesso!

Vi neste momento meu pai passando entubado numa maca, me deu uma imensa tristeza, mas aliviada com a notícia do médico fomos para casa, mas as cinco horas da manhã fomos chamadas com urgência no hospital. Meu pai tinha entrado em coma. Foi um choque. A cirurgia deu problemas, pois havia outro tumor, porém muito pequeno e estava alojado dentro do cérebro. Esse estourou e formou coágulos de sangue, fizeram uma cirurgia de emergência.

Meu pai ficou em coma durante quatro dias e às 2 horas e 30 minutos do dia 17 de dezembro de 2002, recebemos uma ligação para comparecer no hospital. Minha irmã e eu ficamos aguardando a médica responsável e quando ela abriu a porta, eu percebi que estavam trocando a roupa de

cama de onde meu pai estava. Na hora, eu me senti mal e a médica me abraçou e disse: “Meu amor, o teu pai se foi, mas tu é a sementinha que ele deixou ,faça tudo o que o deixaria muito orgulhoso de ti, ele te ama muito e onde ele estiver estará cuidando de ti”.

Foram dias terríveis, eu era muito apegada nele e o perdi com 15 anos . Meu pai tinha 68 anos, já era um pai mais velho, beijo e abraço ele não dava. Os carinhos eram meio brutos, mas eu ganhei um abraço dele quando fui fazer uma visita a ele. Me abraçou e disse para o enfermeiro: essa é minha fiota! Que tanta saudade.. Ele era meu porto seguro!

Eu tenho procurado fazer o que faria meu pai sentir se orgulhoso de mim. Dei algumas pausas nos meus estudos, mas nunca parei. Tenho um casal de filhos maravilhosos, educados, meu orgulho. Nesse meio tempo de parar e voltar a estudar, voltei e iniciei no IFSul. Foi aí que conheci o Renato, o genro que meu pai amaria. Ele sim é tudo o que meu pai desejava pra mim. Sem vícios, um doce de pessoa, parceiro, cuida dos meus filhos e de mim, amo estar com ele. Hoje estamos casados e a impressão é que nos conhecemos há muitos anos. Deus foi muito generoso comigo, me deu uma família linda e agora descobrimos que a família vai aumentar. Enfim, sinto que agora estou com o dever cumprido. Que de onde meu pai estiver, ele estará orgulhoso.

Passei por muitos atritos, muitas dificuldades, mas veni elas e sempre me perguntei se meu pai estivesse comigo, eu teria passado por tudo o que passei? Hoje tenho a resposta: só serviu para me fortalecer.

Leandro de Moura Verado



Acredito que minha história não seja diferente de outras, mas merece ser contada. Quando alguém me pergunta se sou um pai de verdade, aquele que troca fraldas e que sabe que o trabalho da mulher quando fica em casa cuidando dos filhos é bem maior que o do homem que está fora trabalhando, digo sim. E que há muito tempo chegou à conclusão de que quando você se esforça para ser melhor do que seus pais foram, dá a chance de seus filhos serem melhor

que você.

Sou filho mais velho de uma família estruturada e que meus pais são casados até hoje. Sempre fui bem atento a exemplos de meus pais, os que julgavam certo assimilei, os exemplos negativos, também os assimilei de maneira que não os passasse as minhas futuras filhas.

Então, fui pai de minha amada filha Rafaela aos 30 anos. Quando a vi pela primeira vez foi mágico, senti que toda minha vida tinha se resumido ali, naquele ser pequenino e frágil. Também estava ansioso em ser pai, cuidador, amigo e responsável por aquela vida que estava em minha frente, ansioso com aquela que seria uma experiência gratificante com seus altos e baixos.

Com o tempo, a cada dia, não perdia tempo em aproveitar o carinho e a reciprocidade entre pai e filha. E quando achei que não me faltava mais nada nesta vida, veio a Betina, que nasceu cerca de 3 anos e meio após a Rafaela.

A Betina flor de menina, com ela tudo se somou à minha vida, tudo em dobro. Com elas, aprendi a importância

de estar junto, dar tempo exclusivo para elas, equilibrando a vida em todos os sentidos, valorizando a vida em família, escutar o que elas falavam e me desconstruindo como homem. Descobri uma sensibilidade e uma emoção que imaginava não existir. Porque, sinceramente, fui criado para não expor meus sentimentos, não chorar, não dizer eu te amo... quando falo em desconstruir, falo em derrubar uma prisão para construir um homem mais realizado, mais sensível, mais encantado, se é que vocês me entendem.

Entendi também que a diferença entre papéis não existia, pois a única coisa que os homens não conseguem é parir e amamentar, de resto o homem pode virar noite, dar comida, trocar fraldas, dar banho fazer tudo que a mulher faz, também com medo, também inseguro, mas, normalmente as mulheres não abandonam, não fazem isto, como muitos homens fazem. Infelizmente, os homens são criados para não enxergarem o lugar de conforto que é pagar contas, pagar pensão, não enxergam as dificuldades que as mulheres passam.

Modéstia parte, minhas filhas são maravilhosas e também um pouco geniosas. Não quero aqui dizer que ser pai é padecer no paraíso, ser pai de verdade não é nada fácil, sei bem. Com todas as brigas, castigos para a disciplina e acordar em plena madrugada para levar ao médico e tudo mais que na verdade faz parte.

Enfim, desde o nascimento das meninas, tenho aproveitado cada momento, os bons e os ruins, cada etapa de suas vidas sempre me lembra de prestar atenção em tudo, cada momento para levar sempre na memória suas primeiras palavras, os dias que eu mesmo extrai um dente ou outro de leite, que as ensinei a andar de bicicleta e a nadarem, naqueles dias em que vem aquelas perguntas “como eu nasci, pai?”. Achei que estava ensinando minhas filhas, mas na verdade aprendi muito mais com elas. Agradeço todos os dias por ter esta oportunidade de ser pai, por ter sido e para sempre ser, minhas filhas e eu.

O tambor e a menina

Lidiane Gonsiorocki Silveira

Minha adolescência não foi nada fácil, fui criada por pais conservadores e autoritários. Eles controlavam todos meus passos, para minha proteção, é claro. Meu pai é machista e não permitia que eu tivesse amigos meninos. Passeios em shopping e cinema não me deixavam ir, a resposta era sempre a mesma: “Não pode porque eu estou dizendo que não”.

Comecei a trabalhar com 12 anos na empresa de meus pais, estudava no turno da manhã e a tarde trabalhava. Naquela época, era normal crianças brincarem nas ruas, sem internet, tínhamos muitas brincadeiras com bola, bicicleta e tantas outras, mas eu sempre tinha que retornar para casa antes de todos, pois meu pai não gostava de ver a filha dele na rua.

Conforme fui crescendo, a vontade de sair com amigos foi aumentando e eu sempre tinha medo de pedir para sair, porque a resposta sempre foi não. Terminei o fundamental, meu sonho era ser professora. Pedi para meu pai para cursar magistério no ensino médio, mas ouvi um “não” com a justificativa de que eu precisava estudar a noite para trabalhar durante o dia. O curso que queria só tinha no turno da tarde. Contrariada, iniciei o curso contábil, que era noturno. Com apenas 16 anos eu já podia estudar a noite, mas sair com amigos nem pensar, pois não tinha idade para isso, na concepção de meus pais, claro.

Conheci duas grandes amigas: Claudia e Aline, amizade que se mantém viva até hoje. Após alguns meses de aula, aprendi a gazejar aula e adorei a ideia de estar na rua a noite com minhas amigas. Gostávamos de ficar conversando pelas ruas. Às vezes, pegávamos o ônibus e íamos para o shopping de São Leopoldo, mas eu sempre cuidava o horário de chegar em casa.

Mas o que quero contar é sobre uma noite em especial. Nessa época tínhamos uns amigos que competiam em cam-

peonatos de bikes, adorávamos assistir aquelas acrobacias no ar, eles quase sempre ficavam na prefeitura, local de encontro de amigos, próximo a escola que estudávamos. As meninas e eu quase sempre andávamos com as bikes dos amigos e nessa noite saímos de bike, nós três com duas bicicletas. Como eu era a maior, sempre carregava a menor na garupa. Estávamos pedalando nas ruas, felizes, falando alto e rindo muito como de costume, foi então que surge de trás de um arbusto um dos amigos correndo em nossa direção para nos assustar. Infelizmente, ele acabou resvalando e batendo na roda da minha bicicleta e caímos no chão. Minha amiga caiu por cima de mim, bravas com o amigo que nos derrubou. Começamos a xingar ele, foi então que todos me olharam apavorados: meu rosto estava todo ensanguentado, ralado e meus óculos quebrados.

Comecei a chorar de medo, pavor, pânico, como eu ia chegar em casa daquele jeito? Era para estar na aula, suava frio e o medo tomava conta de mim. Pensamos em várias histórias, era difícil sair daquela situação. Meu rosto estava horrível, meu pai ia me matar. Depois de muito pensar, resolvemos ir para casa, minhas amigas me acompanharam até lá. Quando chegamos, meus pais ficaram assustados eu não conseguia falar. Então, elas contaram o que combinamos: que estávamos caminhando na passarela e dois meninos de bicicleta tinham me atropelado e fugiram. Não sei o que meus pais pensaram, se acreditaram ou não. Depois disso, nunca falamos sobre o ocorrido, eles só pediram para ter mais cuidado na rua. Foi o maior susto da minha vida, ter que inventar essa história foi pior que o ralado do meu rosto.

Até hoje, minhas amigas e eu lembramos desse fato e damos muitas risadas. Meus pais, penso que nunca descobriram a verdade. Eu aprendi que mentira pode trazer consequências e que nunca são boas. Dessa, eu me livrei, pois se meus pais soubessem a verdade, eu matando aula para andar de bicicleta nas ruas noturnas, com certeza estaria de castigo até hoje.

Lidiara Moura da Silva



Meu nome é Lidiara Moura da Silva, tenho 30anos, tenho uma filha de nove anos, sou natural de Santa Maria. Atualmente moro em Sapucaia do Sul. Há muito tempo ouvia falar no Instituto federal de Sapucaia, que é uma escola muito bem quista por todos que já tiveram oportunidade de estudar nela.

Então, minha vizinha, que estava fazendo o curso no Ifsul, avisou minha irmã que tinha saído o edital para o curso. Nós resolvemos nos inscrever e fomos selecionadas para fazer o curso. Fiquei muito feliz por ter conseguido essa oportunidade de voltar a estudar, depois de dez anos fora de uma escola.

Hoje sei quanto não é fácil conciliar estudo, casa trabalho e principalmente família. Mas sei que tudo na vida tem que ter um esforço. Se hoje voltei a estudar agradeço pelas pessoas que me incentivaram aos estudos e pela minha filha, Larissa da Silva, que me dedico a cada dia que passa.

Luciane Lopes Bandeira



Quando criança, fui morar com minha avó numa cidade, situada no vale do Rio Pardo; chamada Santa Cruz do Sul, uma cidade linda e encantadora. Aos 12 anos vim morar em Sapucaia do Sul, aqui passei o resto da minha infância, minha juventude, casei e tive quatro filhas lindas.

Embora o tempo passasse, a vontade de voltar àquele lugar só aumentava e a cada visita queria e sentia vontade de ficar lá. Os anos foram passando e o sonho de ir morar em Santa Cruz me acompanhava, mas a vida foi trilhando outros rumos. Então, deixei ele adormecido e assim fui vivendo:

criação dos filhos, separação, trabalho, retorno aos estudos, etc...

Cheguei numa fase que não me sentia feliz, precisava viver algo diferente, desapegar, pois ainda morava com minha mãe. Foi assim que decidi dar uma guinada, um 360 graus em minha vida. Em 2014, resolvi ir embora para aquela cidade que adentrava quase sempre em meus sonhos; tentar construir uma nova história. Assim, dei início ao primeiro capítulo da segunda parte da minha vida. Arrumei minhas malas e fui em busca do sonho deixado no passado.

Chegando em Santa Cruz do Sul, fiquei hospedada na casa de uma prima, pois fui construir meu novo caminho somente com a cara e a coragem. Em seguida, aluguei uma casa, arrumei um emprego, busquei minhas filhas (que na época eram menores de idade e haviam ficado em Sapucaia para concluir o ano letivo) e nas horas vagas, trabalhava com

eventos em festas. As coisas estavam se ajustando, certo que com um pouco de dificuldades; mas mesmo assim sentia-me realizada e feliz.

Até que no final de uma tarde, recebi uma ligação da minha filha. Foi esse momento que eu ouvi as piores palavras que eu poderia ter escutado até os dias atuais: “Mãe eu não tenho uma boa notícia para te dar; a vó Beti fez um exame e o diagnóstico é Carcinoma (câncer de mama)”.

Após ouvir aquelas palavras, meu corpo estremeceu, meu coração disparou sem ritmo, minhas mãos suavam, meus olhos lacrimejavam incessantes. Um abismo abriu sobre meus pés, uma sensação horrível, uma mistura de pânico com dor. No mesmo dia pedi dispensa para minha patroa, pois sabia que depois daquela notícia não teria cabeça para pensar em mais nada, a não ser ficar ao lado de minha mãe. Voltei para Sapucaia para acompanhá-la em médicos e exames. Ela passou por cirurgia para a retirada do nódulo, iniciou o tratamento no Instituto de Oncologia em São Leopoldo, depois fez sessões de quimioterapia e de radioterapia.

Eu já sabia que minha mãe era uma mulher forte, mas me surpreendi com a coragem e a vitalidade que ela enfrentou a doença e graças ao autoexame e ao diagnóstico rápido e inicial que foi possível combater a doença. Hoje estou contando a história da minha guerreira, e com um final feliz, pois ela venceu o câncer e me ensinou que existem coisas maiores que um sonho: o AMOR. Amor incondicional, amor eterno, amor materno.

E é a ti, minha rainha Elizabeth Corrêa, que eu dedico essa história e também quero agradecer a todos que participaram desse episódio da nossa vida. Obrigado pelo carinho e dedicação de familiares, médicos e enfermeiros e pelo apoio fundamental recebido da DAIA, SHAU, DUDA e ANNE.

Marilaine S. Alves

No ano de 1989, na cidade de Esteio, morávamos eu, Marilaine, meu pai, minha mãe e meus 5 irmãos. Eu e minha irmã mais nova, a Sheila, éramos muito levadas, na verdade até demais. Pois bem, um certo dia, vieram morar em frente a nossa casa uma nova família, a qual tinham muitas meninas e nós ficamos muito felizes, pois tínhamos amigas. Contudo, para nossa surpresa, nossos pais proibiram a gente de brincar com aquelas meninas nos dias de semana, o que foi muito triste para nós.

Entretanto, como eu e a Sheila sempre estávamos aprontando, decidimos brincar nas tesouras da casa, pois não tinha forro. Começamos a brincar que alguém queria invadir a casa e o tempo foi passando e a gente foi ficando envolvida na nossa brincadeira. Dessa forma, não percebemos que os vizinhos já estavam no portão, apavorados com os nossos gritos de socorro. Ficamos apavoradas e decidimos dar vida para nossa imaginação. Os vizinhos estavam espantados, pois nós estávamos sozinhas e ao vermos o nervosismo deles, acabamos descrevendo o suposto homem que queria invadir a nossa casa. Nós até demos detalhes da roupa, altura, etc.

Um homem de bicicleta passou na hora e decidiu ir atrás do invasor e após um tempo ele voltou dizendo que o homem tinha pulado o muro. Contudo, como não podíamos dizer que era mentira, começamos a chorar. Como eu tinha 9 anos e a Sheila 6 anos, os vizinhos ficaram com a gente até meus pais chegarem. Quando meu pai chegou, ficou tão apavorado com a situação que decidiu que a partir daquele dia, a gente poderia brincar todas as tardes na casa das meninas.

Essa história está sendo contada pela primeira vez, porque a gente manteve a mentira com medo de levar castigo, pois naquela época o castigo era severo.

Priscila de Vargas da Cunha



Quem vai a um parque de diversões e anda naqueles brinquedos radicais passa por muitas aventuras; os exploradores de um safari se aventuram buscando a emoção, assim como muitas pessoas em esportes radicais. Porém, posso afirmar que nenhuma aventura é maior que a de se

tornar mãe, e é assim que minha história começa, ou devo dizer: a história delas (minhas filhas Akira e Allana).

Tudo começou no meio do ano de 2004, após as férias da escola, sendo que eu estava cursando o 1º ano do Ensino Médio. Neste período, cheguei ao término do meu namoro. Então, surpreendentemente, decorrido um mês, descobri que estava grávida. Poderia parecer a muitas pessoas que a minha maneira de encarar os fatos era uma verdadeira insanidade, porque apesar de não ter “um centavo no bolso”, residir em um pequeno loft, sendo sustentada pela mãe, fiquei radiante e muito empolgada com a notícia. Diante de tantas emoções, a parte mais difícil e curiosa desta história é que me perguntava a todo momento: qual seria a melhor maneira de transmitir aquela incrível notícia à minha mãe, já que me tornaria mãe solteira?

Assim, mesmo em segredo, buscava ansiosamente por

nomes de bebê e pesquisava bastante sobre os cuidados, durante a gravidez, tal como o pré-natal, pois sabia que ser mãe era e é sinal de responsabilidade. Foi, portanto, nesse contexto que tudo veio à tona da maneira mais engraçada possível.

Tudo aconteceu assim: estava com dois meses e meio de gestação e, certa noite, minha irmã chegou ao meu loft buscando um conforto, já que havia se desentendido com seu companheiro. A convidei para passar a noite comigo. Foi nesse contexto que decidi contar-lhe meu segredo. Ela ficou surpresa e me aconselhou a contar tudo ao pai do bebê.

Naquela mesma noite, convidei o rapaz para uma conversa a respeito, onde, de fato, contei tudo que se passava, sendo que não houve reação alguma da parte dele, mas decidimos que seria mais viável ele posar lá. Assim, na manhã seguinte, minha mãe nos surpreendeu chegando lá em busca de um carregador. Porém, ao abrir a porta, vi sua reação indignada por ver o rapaz lá, já que ela não sabia a respeito do rapaz e muito menos da gravidez.

Depois disso, minha mãe pediu para conversarmos a sós e foi quando ela me disse o seguinte: “Olha bem o que está fazendo, cuidado para não engravidar!”. E o que pensar nesse momento? Ops! Já estava grávida! Mas ela continuou em tom de exclamação: “Já aviso! Se engravidar, eu não cuido!”. Bem, foi exatamente o que se sucedeu posteriormente, já que ela nunca quis cuidar, de fato, das meninas, e assim, naquela manhã ela saiu.

Decidi não adiar mais o inevitável e mandei uma mensagem de texto no fim daquele dia com a seguinte frase: “ESTOU GRÁVIDA. ASS. PRISCILA”. Porém, a mensagem havia sido enviada do telefone de minha irmã, então a mãe ligou para ela apavorada perguntando para a mana: “Que palhaçada é essa?” Ela respondeu que era verdade; a mãe desligou e não nos falamos mais por duas semanas, pois haviam desencontros, já que eu a estava evitando. Eu saía cedo

de casa e retornava aproximadamente 23h da aula.

Passados aproximadamente 15 dias, a mãe conseguiu me encontrar na rua. Quando avistei ela, quase cheguei a soar frio, mas fui encontrá-la e ela me disse apenas que me ajudaria em dinheiro até eu encontrar um trabalho e falou: “Mas não cuido de neto.” Depois disso, a gestação seguiu seu curso natural, sendo que com 39 (trinta e nove) semanas ganhei minha linda filha (Akira) pesando 3 k e 100 g (três quilos e cem gramas) e medindo 49 cm (quarenta e nove centímetros). Ela era a mais bela, embora pareça ser coisa de mãe. A amei desde o primeiro dia de gestação, sendo que a amo até hoje. Atualmente, ela tem 14 anos.

Tive minha segunda filha, a qual amei tanto quanto a primeira, e amo as duas até hoje com esse amor indescritível que jamais acabará. Na verdade, só quem é mãe consegue compreender a plenitude disso, assim como me referi no início da história, ou seja, uma verdadeira aventura.

Superação

Roseli de Fatima Iaczinski



Gostaria de contar que a vida nos prega peças e quando a gente pensa que está tudo nos conformes, lá vamos nós mexer em tudo novamente.

Aos 45 anos resolvi retomar os meus estudos, fui em busca, fiz ENEM e consegui nota para ganhar uma bolsa integral na faculdade. Escolhi cursar farmácia na Unisinos, mas muitas dificuldades apareceram, já que iam 28 anos fora dos livros, tranquei a matrícula e retomei o ensino médio a fim de aprimorar a educação.

Como já disse, a vida não nos acomoda e depois de algumas superações, me deparei com três nódulos na tireoide,

de nada adiantava o tratamento, até o ponto em que eu não tive escolha, teria que passar por uma cirurgia a qual teria riscos inclusive de ficar sem voz.

Me fingi de forte e falei ao médico: “se eu não puder falar, eu escrevo. O importante é tirar esse tumor, que sem ele eu poderei lutar mais forte”. Passados quase 5 meses, cirurgia feita, reeducando minha voz, sigo estudando, com a certeza de que a vida movimenta quem está disposto a lutar e que as dificuldades nos mostram o quanto somos fortes e o quanto ainda temos que nos fortalecer.

Agora, mais do que nunca, quero concluir meus estudos e levar mais do que remédio, quero levar amor e carinho a quem precisa. Sobre superação? Sempre observo mais quem está ao lado, cada um vai ter a sua própria história.

Aos 59 anos de idade, eu Vera Alice dos Santos, poderia contar muitas coisas da minha história de vida, mas vou contar só um episódio pequeno e muito importante para mim. Entre os meus 11 e 12 anos de idade, quando ainda cursava a quinta série do primário em uma escola municipal de Sapucaia do Sul, trabalhei de babá de uma criança de seis meses. Estudava pela manhã e à tarde ia cuidar da criança. No início seria só isso mesmo que eu iria fazer, mas depois fazia também outros serviços domésticos.

Quando terminou meu ano letivo em 1972, estava iniciando um novo ciclo no ensino no Brasil. Estava surgindo a 6^o, 7^o e 8^o série do ensino primário. Meu pai chegou para mim e disse que não poderia comprar os livros e cadernos que eram exigidos por uma escola estadual como o Cecília Meireles. Na época, a escola estava sendo preparada para receber os alunos que tinham concluído a 5^o série nas escolas municipais. E eu nem ninguém que estava na escola ganhava os livros didáticos para estudar. Meu pai me disse que tinha muitos filhos menores que eu para sustentar e que seu salário de aposentado por invalidez não daria para ter qualquer despesa extra, nem mesmo com cadernos mais elaborados que pudessem exigir e que eu precisava trabalhar para ajudar a família. Além disso, ele acreditava que com a 5^o série eu arrumaria emprego fácil.

Foi assim que abandonei meus estudos, achando que tinha estado bastante, mas depois de muitos anos, mais de 30 anos criei coragem e me matriculei num curso de jovens e adultos para terminar o ensino fundamental. Ao longo da minha vida, essa condição fez com que eu perdesse várias oportunidades de empregos melhores por não ter estudado mais. Eu achava que não conseguiria acompanhar o que estavam ensinando, pois me sentia desatualizada e sempre tive dificuldade de aprendizado, principalmente na matemática. Não conseguia entender com ela funcionava então quando voltei e chegou a aula de matemática eu estava nervosa mas

mesmo assim eu pensei: agora sou adulta, já sou mãe, sou avó, preciso aprender e, além disso, compreender muito bem o que estou fazendo .

Então, quando o professor de matemática entrou na sala e começou a ensinar, eu prestava atenção fazia pesquisas nos livros que ensinava sobre o assunto. Usava os livros, porque quando eu me formei no ensino fundamental em 2005 eu não tinha acesso ao youtube como tenho hoje e faço muitas pesquisas.

Então, minha filha começou a estudar no IFSUL para fazer o ensino médio integrado com o técnico em administração. Nesta época, eu já tinha o ensino médio por prova do estado. Tudo certinho levei sete meses fazendo prova para com seguir o certificado: eu chutava a maioria das respostas. Claro, não tinha estudado, mas eu tinha muita vontade de ter o conhecimento que o ensino presencial pode proporcionar. Eu pensava e falei para ela que esse curso demoraria três anos, achei muito tempo. Ela falava que o conhecimento não vem depressa, que exige tempo.

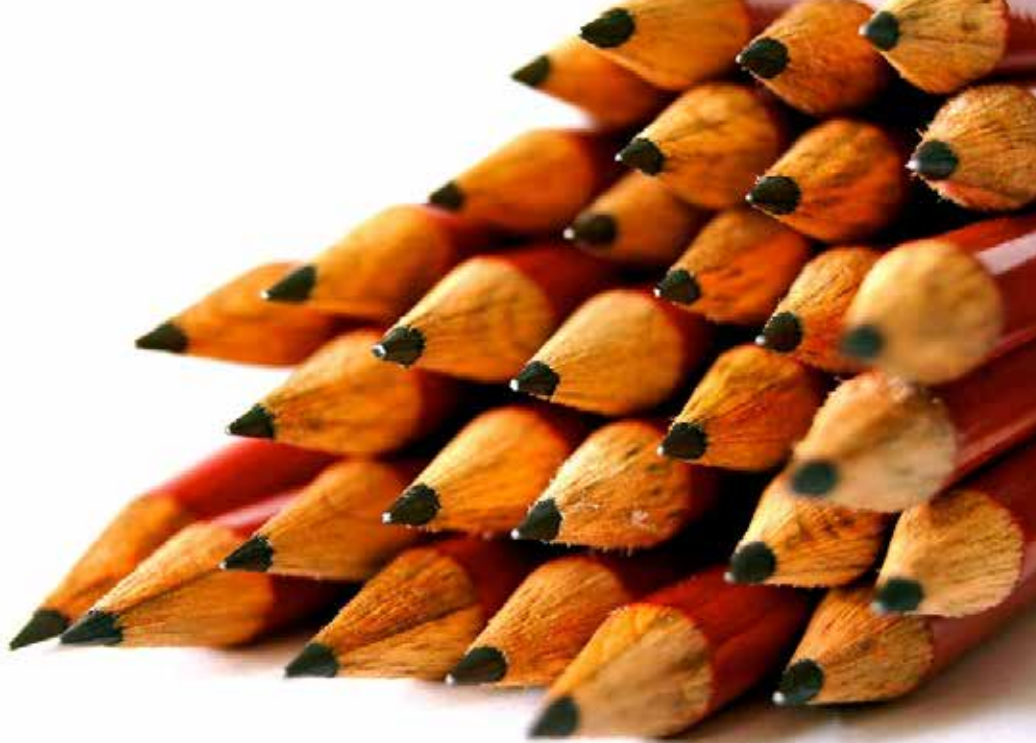
Então, resolvi que era hora de aprender mais. Depois que ela se formou, eu me matriculei também no mesmo curso, consegui a vaga no IFSul, mas as pessoas diziam que era muito difícil que eu não conseguiria acompanhar. Mesmo tentando desistir várias vezes, eu achava que não era para mim, que estudar matemática, informática, outras disciplinas do curso não era mesmo para mim e pensei: puxa.... Que difícil.

Depois veio o AVC, foi leve, mas fiquei no hospital por quatro dias, afetou minha fala e hoje preciso fazer alguns exercícios para falar melhor. Estou na luta ainda para daqui um tempo conseguir me formar mesmo com as dificuldades que teimam em aparecer. Neste tempo que estou estudando, falei várias vezes que ia parar, mas recebia apoio das minhas filhas e também um dia eu estava ficando deprimida e fiquei um tempo sem assistir as aulas. Depois, quando voltei, fui conversar com o coordenador do curso o professor Guilherme, e me queixei ...me queixei tanto me justificando... então eu disse que quando me formasse quem me daria um em-

prego? A idade pesaria, mesmo que eu achasse que o conhecimento que eu estava tendo já estava valendo muito para mim.

Então eu ouvi do professor Guilherme uma frase que nunca esqueci: “Tu pode estar mais velha quando se formar, mas vai deixar um bom exemplo de herança para os teus filhos e netos e sua futura geração. Isso será um incentivo para eles não desistirem dos seus sonhos”. Isso foi quando eu estava no 1º semestre. Hoje estou no 4º, ainda tenho minhas baixas, mas tenho recebido apoio dos colegas e dos professores.

Ao prof. Guilherme, o que dizer? Sempre apoiando, já me colocou pela mão dentro da lotação para ir até o IFSUL, literalmente, com carinho e dedicação. Contamos mesmo com esse apoio, mas cabe a nós correr atrás das nossas notas, nos dedicarmos porque milagres depende de nós. As dificuldades vem mas temos que continuar tentando com persistência e determinação e muita persistência muita mesmo. Eu li uma frase uma vez (não lembro quem escreveu) que dizia: “se você não tentar, como vai saber se não conseguiria?” Então, é para nos mesmos que temos que provar que somos capazes de alcançar nossos sonhos colocando nossos projetos em prática.



Histórias que Merecem ser Contadas

agora é **acessível**:

confira os áudios das histórias, narradas pelos próprios
autores, no site:

www.sapucaia.ifsul.edu.br/livros-historias
ou diretamente pelo QR Code



REALIZAÇÃO:



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul



Curso Técnico em
Administração